



A INFÂNCIA NA ESCRITA JORNALÍSTICA DE DALCÍDIO JURANDIR: ALGUNS APONTAMENTOS

THE CHILDHOOD IN THE JOURNALISTIC WRITING OF DALCÍDIO JURANDIR: SOME NOTES

Ivone dos Santos Veloso¹

RESUMO

Este artigo destaca a produção e obra jornalística e ficcional de Dalcídio Jurandir (1909-1979), escritor brasileiro que criou o ciclo *Extremo-Norte*, um projeto literário de dez romances, ambientados na Amazônia paraense, e que se constituem, no plano geral, como um grande painel social da região, o que justifica, portanto, o epíteto de “Romancista da Amazônia”. Nesta oportunidade, queremos demonstrar que a infância desvalida não é uma particularidade observada apenas em sua ficção, mas também está presente em outros escritos. Assim, focalizamos a faceta jornalística do escritor marajoara, trazendo ensaios, reportagens e uma crônica que apresenta e denuncia a pobreza e a desigualdade social no contexto brasileiro, particularmente da Amazônia paraense. Este estudo é resultado de pesquisa bibliográfica e de análise interpretativa. Para tanto, revisitamos a hemeroteca digital brasileira, textos do autor e as contribuições teóricas de Furtado (2011), Souza (1988) e Veloso (2019, 2022).

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; infância; Amazônia.

ABSTRACT

This article highlights the journalistic and fictional production of Dalcídio Jurandir (1909-1979), a Brazilian writer who created the cycle Extremo-Norte (Far North), a literary project of ten novels set in the Amazon region of Pará, and constitutes, as a vast panel about the region, what justifies the writer being called Amazonian Novelist. In this opportunity, we want to demonstrate that underprivileged childhood is not a particularity observed only in his fiction, but is also present

¹ Doutora em Estudos Literários. Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Pará, campus universitário do Tocantins/Cametá. Atualmente, coordena o projeto de pesquisa Dalcídio Jurandir: faces do jornalista, contrafaces do romancista e o projeto de extensão Janelas Literárias. Participa do Grupo de pesquisa Amazônia em Narrativas e LITERA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7288-2845>

in other writings. Thus, we focus on the journalistic side of the Marajoara writer, bringing a reportage and a chronicle that present and denounce poverty and social inequality in the Brazilian context. This study is the result of bibliographical research and interpretative analysis. For this we revisit the Brazilian digital hemeroteca, texts by the author, and the theoretical contributions of Furtado (2011), Souza (1988) and Veloso (2019, 2022).

Keywords: Dalcídio Jurandir, childhood, Amazon.

DALCÍDIO JURANDIR, PARA ALÉM DO “ROMANCISTA DA AMAZÔNIA”

Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, escritor brasileiro nascido em 1909 em Ponta de Pedras – arquipélago do Marajó –, morou em Belém e, após ganhar notoriedade com o Prêmio Vecchi-Dom Casmurro dado ao seu romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, fixou residência no Rio de Janeiro, que naquela época ainda era a capital brasileira e se constituía como principal eixo artístico-cultural do país, onde estavam as principais editoras do Brasil e se encontravam políticos, intelectuais, artistas e literatos que almejavam reconhecimento e meios para desenvolver seus projetos.

Entretanto, o fato de Dalcídio Jurandir ter fixado residência no Rio de Janeiro, não modificou o espaço de representação ficcional que o paraense elegeu para o seu projeto literário, que mais tarde passaria a ser denominado de ciclo *Extremo-Norte*. Desde *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), a paisagem é amazônica, uma Amazônia interiorana apresentada através da vila de Cachoeira e que nos romances seguintes, como *Marajó* (1947) e *Três Casas e um Rio* (1958), vai se adensando até alcançar a vida urbana e suburbana na cidade de Belém, como nos romances *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1973), *Chão dos Lobos* (1976) e *Os Habitantes* (1976). Em *Ribanceira* (1978), último livro do ciclo, inclusive, a figuração espacial alcança uma cidade do Baixo Amazonas, saindo do eixo Belém – Marajó, o que pode ser entendido como mais um indicativo de que essa Amazônia paraense retratada em sua ficção pode ser lida como uma metonímia de uma Amazônia maior, projetando-se em outros espaços amazônicos.

Nesse aspecto, lembremos que a relevância do ciclo *Extremo-Norte*, em grande parte, está na sua forma de figurar a Amazônia para além de uma tradição literária que a representou apenas como paisagem física, com reiteradas imagens da região como “inferno” ou “paraíso perdido”, como espaço mítico ou exótico. A Amazônia dalcidiana cinde e dialoga com essa tradição, trazendo para a cena literária um espaço humanizado, no qual os sujeitos amazônicos, sobremaneira os mais pobres e desvalidos têm presença, vez e voz. Seus dramas sociais e seus conflitos existenciais são a força motriz que desenvolve a ficção dalcidiana. Dalcídio, assim, cria um grande painel social da região, o que justifica, portanto, o epíteto de “Romancista da Amazônia”.

Esse painel, contudo, estaria incompleto sem a figuração de personagens infantis. Todavia, a infância não é mero adereço no projeto literário dalcidiano, alcançando um relevo ainda maior, o que faz pensar que Dalcídio Jurandir também pode ser entendido como um escritor da infância, uma vez que o conjunto de sua obra ficcional traz um considerável número de referências e de personagens que se relacionam com essa etapa da vida, especialmente da infância desvalida. Em, *A Infância desvalida em Dalcídio Jurandir: um bulício de crianças picado de risos e gritos* (2019)

buscamos demonstrar como a categoria infância é uma chave de leitura para uma análise interpretativa do projeto literário dalcidiano.

Assim, entendemos que Dalcídio Jurandir é um escritor da infância, que tratou sobre o universo da criança, sem, contudo, ter publicado especificamente para público infantil. Muito embora exista notícia de que haveria um livro de autoria de Dalcídio Jurandir intitulado *Um Navio carregado de meninos* que seria publicado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Viação, conforme se lê na coluna “Literatura em dia”, do jornal curitibano *O Dia*, em 06 de março de 1960, ao que parece este livro nunca fora publicado e, até então, não há outras informações a respeito.

De qualquer modo, ainda que o escritor paraense intencionasse, ou não, publicar obras direcionadas ao leitor mirim, ou escrever uma história da infância, Dalcídio Jurandir concebeu um panorama exemplar a respeito das crianças da Amazônia, sobretudo, no que se refere àquelas mais pobres. Em seu ciclo *Extremo-Norte*, especialmente, nos primeiros cinco romances, o ficcionista brasileiro apresenta uma espécie de memorial da infância, ilustrando suas vivências culturais, seu imaginário, suas narrativas, jogos e brincadeiras, ao passo que denuncia a condição social na qual se encontram: a pobreza, a fome, a exploração do trabalho infantil, o não acesso à educação e à saúde.

Tais representações, por sua vez, se alinham ao compromisso ético-social do autor marajoara que não oblitera o cuidado estético com suas narrativas literárias. Em seus romances o universo infantil não se restringe apenas à presença de personagens infantis, ou de personagens que rememoram essa etapa da vida, mas também vem à tona por meio da representação do imaginário da criança, o que, em alguns episódios, se insere na própria estrutura narrativa através da incorporação e reelaboração de contos de fada, de mitos, de lendas, de histórias de vida que, de algum modo, se relacionam com o mundo infantil.

Sem embargo, para além do romancista, Dalcídio Jurandir também transitou por outros gêneros textuais e literários. Foi poeta, contista, tradutor, roteirista e, como jornalista, atuou como repórter, articulista, ensaísta, cronista, crítico literário, crítico de arte, e, até, como ilustrador, tendo colaborado com muitos periódicos de sua época, tanto no Pará, quanto no Rio de Janeiro. Tais circunstâncias nos levaram a questionar: o olhar de Dalcídio Jurandir sobre a criança e a infância é uma peculiaridade de sua ficção ou também está presente em outros escritos? A infância e as figurações da criança nesses outros escritos colaboram na construção do projeto literário dalcidiano?

Buscando desvelar essas questões, faremos alguns apontamentos destacando algumas colaborações de Dalcídio Jurandir para os jornais e periódicos de sua época, demonstrando que a figuração da infância atravessa o comprometimento social e estético do autor marajoara, seja na sua faceta de romancista, seja na faceta jornalística. Para tanto, trazemos alguns ensaios, um poema, uma reportagem e uma crônica que apresentam e denunciam a pobreza e a desigualdade social no contexto brasileiro, mais particularmente, da Amazônia paraense e de uma favela do Rio de Janeiro, observando como isto afeta as crianças, numa época em que ainda pouco se discutia sobre os direitos da criança e dos adolescentes. A partir da crônica “Os ferrinhos”, também demonstraremos como Dalcídio Jurandir reelabora a história dos meninos que capinavam as calçadas de Belém, em *Chão dos Lobos* (1976), oitavo romance do ciclo *Extremo Norte*.

A INFÂNCIA NA ESCRITA JORNALÍSTICA DE DALCÍDIO JURANDIR

A trajetória de Dalcídio Jurandir como jornalista inicia precocemente e tem vínculos familiares. Seu pai, Alfredo Nascimento Pereira, mantinha o jornal *A Gazetinha*, em Cachoeira do Arari (PA), e, foi ao lado do irmão, Flaviano Ramos Pereira, que Jurandir tornou-se, aos 16 anos, diretor

da revista mensal *Nova Aurora*. Como se depreende, o fato de ter atuado ao lado do pai e do irmão em Cachoeira, conferiu a Dalcídio Jurandir alguma experiência e base para a intensa carreira jornalística que desenvolveria posteriormente.

Em 1928, quando já residia em Belém, Dalcídio Jurandir abandonou os estudos na capital paraense e viajou, pela primeira vez, para o Rio de Janeiro. Sobre essa época, sabemos que passou por dificuldades financeiras, chegando a trabalhar como lavador de pratos, mas também como revisor da revista feminina *Fon Fon*, mesmo que sem remuneração. Esse fato nos faz pensar que o jornalismo era para Jurandir uma paixão e uma oportunidade de relações e de aprendizagem, uma vez que, além de ganhar experiência, ali poderia conviver com grandes escritores e intelectuais, que também exerciam o jornalismo. Em 1931, ao retornar à Belém, deu continuidade à atividade jornalística, passando a contribuir com a imprensa paraense, por meio do periódico *O Estado do Pará*, e das revistas: *Escola*, *Novidade*, *Terra Imatura* e a *Semana*.

Após ganhar o concurso organizado pelo jornal literário *Dom Casmurro* e pela editora Vecchi, que promoveu a publicação de seu primeiro romance, *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), Dalcídio Jurandir mudou-se para o Rio de Janeiro e o jornalismo, mais uma vez, se mostrou como uma porta de oportunidades para aproximá-lo de grupos de escritores, editores e intelectuais, ao passo, que era uma forma de sobrevivência, como foi para muitos escritores brasileiros. A partir desse momento, suas perspectivas políticas vão se tornando mais explícitas, e o que antes era apenas uma simpatia por ideais esquerdistas, tornou-se militância.

Conforme afirma Marli Furtado (2011), este é um aspecto relevante na sua trajetória como jornalista, de modo que a pesquisadora divide a escrita jornalística dalcidiana em dois momentos:

A princípio, parece prático dividir a vida jornalística de Dalcídio Jurandir em dois momentos, ligados às duas grandes cidades em que residiu: Belém, entre 1930 e 1941, e Rio de Janeiro, de 1942 até 1964, ano do golpe militar, quando os poucos periódicos esquerdistas ainda “vivos”, caso de *Novos Rumos*, extinguíram-se. A divisão deve levar em conta os fatos que a Belém corresponde sua iniciação nos campos em que atuou: a escrita literária e jornalística e a militância política. Nesta, foi preso nos anos de 1936 e 1937 por atuar contra o fascismo junto a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Por outro lado, os periódicos com os quais contribuiu não traziam como marca de fundação nenhuma ligação ideológico-partidária, ao contrário daqueles em que colaborou no Rio, a partir de 1941, muitos timbrados pela marca de “imprensa comunista” (Furtado, 2011, p. 83).

Notemos, de acordo com o comentário de Furtado, que a escrita jornalística de Jurandir se distingue a depender da cidade na qual atuou como jornalista. Nesse sentido, ainda que Belém tenha sido o local no qual Dalcídio Jurandir se filiou a Aliança Nacional Libertadora (ANL), na luta contra o fascismo, sendo preso por duas vezes, foi no Rio de Janeiro que sua escrita político-ideológica ganhou espaço. Isso, talvez, aconteça devido ao fato de que nos jornais cariocas o engajamento político era mais evidente. Dentre os periódicos cariocas com os quais Dalcídio Jurandir colaborou, destaca-se o jornal *Diretrizes*, o maior jornal de oposição fascista no Brasil.

No que se refere ao tema da infância, entretanto, a distinção proposta por Furtado não se aplica. Seja em textos publicados em periódicos de Belém ou do Rio de Janeiro, o tom de denúncia e crítica às condições sociais em que se encontravam as crianças são permanentes na escrita do jornalista. Sempre atento aos debates de sua época, Jurandir mostra-se continuamente envolvido com questões sociais, demonstrando ser um intelectual consciente do seu papel social, político e literário.

Algumas colaborações dos anos 30, publicadas no periódico *Escola: revista do professorado do Pará* servirão para ilustrar a preocupação do jornalista Dalcídio Jurandir em denunciar e discutir a situação em torno da criança no contexto paraense. Nesse periódico, por exemplo, Dalcídio Jurandir assina vários artigos que dissertam sobre o modelo educativo vigente nas escolas, criticando o currículo, os métodos de ensino, a imposição do conhecimento e de disciplina severa.

Em um desses artigos, publicado em setembro de 1935, Jurandir afirma que o catecismo não condizia com os métodos educativos mais modernos, e, ainda, que o ensino religioso servia apenas para incutir o preconceito religioso nas crianças, já que apenas o catolicismo era tomado como parâmetro nos currículos escolares. O tema da inutilidade do ensino religioso, entretanto, é apenas uma justificativa para uma crítica mais ampla ao sistema educacional e às tendências pedagógicas tradicionais:

A primeira coisa que se ensina a criança é o Dever com letra grande, mas Dever? Sim, um dever que é a ferrugem deprimindo, corroendo e destruindo o vigor, a alegria e a saúde das crianças e dos adolescentes. [...] A educação não tem sido mais que um processo policial. Policiar é sempre mais fácil do que educar (Jurandir, 1935b, p. 30).

Assim, a imposição do conhecimento e de disciplina severa são os alvos da crítica do autor a uma estrutura e a um currículo educacional que percebe a criança como um receptáculo a ser preenchido, vigiando-a e punindo-a, numa lógica muito semelhante ao processo policial a que ele se refere. A preocupação do Jurandir, como se observa, está em pensar uma educação que considere a natureza da criança, sua alegria e vigor, e ainda, que a criança não seja somente um mero receptor de informações, mas que se possa aprender com ela: “A criança é uma fonte de novos valores morais, resta-nos saber aproveitá-los para a vida. Não oprimi-los [*sic*] como se faz, aniquilando os impulsos vitais da consciência infantil” (Jurandir, 1935b, p. 30).

Essa concepção era bastante arrojada para a época, pois sugere uma inversão de valores, na qual a criança não é apenas um objeto da prática pedagógica, mas o sujeito desse processo. Nesse mesmo texto, Dalcídio Jurandir recomenda que o modelo educativo a ser implementado nas escolas considere uma compreensão humanista. “A concepção da beleza e da verdade ainda não foram ensinadas às gerações [...]. O que se deve fazer da criança é uma criatura humana” (Jurandir, 1935b, p. 30). Nesse sentido, ainda que os termos *beleza*, *verdade* e *criatura humana* não sejam melhor definidos, fica sugerida uma educação integral e humanista que atenda aos vários aspectos da formação da criança.

Em *Educação e Liberdade*, também publicado neste mesmo número, aquelas ideias são reiteradas e complementadas. Dalcídio Jurandir torna a advogar uma educação para a vida, na qual o processo educativo não se reduz à disciplina como “opressão, negação absoluta da personalidade, atrofia da consciência individual” (Jurandir, 1935b, p. 40), mas que desenvolva uma consciência de liberdade, que nada mais seria do que reconhecer as “suas trágicas e imediatas necessidades”. Dessa forma, o ensino não deveria estar apartado da realidade social das crianças, visto que os problemas do sistema educacional também estavam ligados às mazelas sociais; à miséria, à fome, à pauperização das massas e à proletarianização das populações urbanas e rurais.

Nesse contexto, mais uma vez ele se opõe ao ensino religioso desenvolvido nas escolas:

Ensinar a criança o fatalismo de que a miséria vem de Deus e porque é lei divina, etc, e tal, é uma enorme infâmia atirada a todo o progresso educacional [...]

A criança deve compreender o que é a vida e não como a vida não é. Miragem para criança é recalque mais tarde é decepção corrosiva do caráter e de todos os bons impulsos juvenis [...]

A educação é a liberdade consciente e fecunda (Jurandir, 1935b, p. 42).

Desse posicionamento, depreende-se que Dalcídio Jurandir vê a criança como uma potência, não é um ser tão frágil que não possa compreender o meio que o cerca, mas é suscetível a um processo de formação que o desenvolva criticamente inclusive o seu olhar sobre a própria realidade, de maneira que não deve ser tolhido pelo excesso de disciplina e de misticismos que, no seu ver, mascaram a realidade: se tornam instrumentos de:

[...] mentira, de hipocrisia e de tirania disfarçada em hinos, discursos e demonstrações patrióticas que fazem decepcionar a criança, mais tarde quando chegar a idade oportuna e começar a sofrer a contingência de trabalhar para não morrer de fome (Jurandir, 1935, p. 42).

O que se observa, nesses ensaios, é que o paraense demonstra estar alinhado às modernas concepções educacionais de sua época, entre as quais a *Escola Nova*. A *Escola Nova* ou *escolanovismo* foi um movimento de renovação de pressupostos e métodos pedagógicos que se desenvolveu, primeiramente, na Europa, na América do Norte, e, posteriormente, no Brasil. Em contexto brasileiro, suas origens se ligam aos impactos das transformações sociais, políticas e econômicas da primeira metade do século XX. Dentre as principais premissas do movimento, a escola deveria deixar de ser um mero local de transmissão de conhecimento, para se tornar uma espécie de comunidade, e a criança passa a ser o centro do processo educativo.

Entretanto, as ideias em torno do significado da escola e de suas relações com a sociedade, as noções de inteligência, de desenvolvimento social, de natureza humana e liberdade também se aproximam de conceitos e concepções de pensadores associados ao socialismo. Essa aproximação, de modo algum, é aleatória, uma vez que alguns estudiosos já demonstraram que a pedagogia liberal-democrata do escolanovismo realmente tem pontos de semelhança com o debate pedagógico socialista. John Dewey, por exemplo, um dos nomes mais relevantes da Escola Nova, foi um dos filósofos mais comentados e lidos pelos educadores socialistas. Assim, diversos elementos do pensamento escolanovista foram incorporados, negados e até mesmo superados. A máxima “educação é vida”, por exemplo, foi incorporada, mas com um sentido diverso, a educação deveria ter como horizonte a vida na sociedade socialista.

É interessante assinalar que essa aproximação com as ideias de John Dewey ficará mais evidente, anos mais tarde, quando em colaboração para o *Jornal Diretrizes*, no Rio de Janeiro, Dalcídio Jurandir assina o artigo *John Dewey e a ridícula agressão de Tristão de Ataíde*, em 31 de dezembro de 1942, defendendo a homenagem realizada por formandos do curso de filosofia, quando criticados pelo catedrático de Literatura Brasileira da Faculdade Nacional de Filosofia.

Quanto a esses posicionamentos de Dalcídio Jurandir em relação à criança e esse questionamento sobre os métodos escolares, isto será o fundamento para a criação do protagonista do *Ciclo Extremo-Norte*. Alfredo, que inicia a saga com 10 anos de idade, vai ao longo do ciclo adensando o seu desencanto pela escola, fato que se relaciona diretamente com o distanciamento entre ensino e realidade. Entre os muitos episódios em que Alfredo reflete sobre essas questões, elegemos esta passagem de *Passagem dos Inocentes* (1963):

Por que não vinha a professora efetiva com a laranja e partia e dividia e falava: isto aqui é um quebrado da laranja? Fosse deste modo, se via o cheiro, a casca, o gomo, o caldo se doce, se azedo, onde é que tem laranjal, em Bragança, vem no trem [...] Em vez da laranja ou do maracujá, era: Quem em mil quinhentos e quarenta e nove chegou na Bahia? [...] Ensinar era palavrear? Aprender engolir palha? Alfredo não via os objetos, de que falavam as lições. [...]. Em vão queria distinguir no papel o reino mineral do vegetal. Boi, no papel e na língua da professora, aparecia tão morto igual pedra (Jurandir, 1963).

Como se observa, Alfredo é a voz que questiona os parâmetros educacionais adotados na escola: o ensino demasiadamente teórico, pautado em memorização de regras, de nomes e de datas e apartado da vida prática. É preciso lembrar que tal posicionamento se alinha ao pensamento dalcidiano manifestado acima sobre a educação da criança, porém, na ficção não é o adulto que profere as críticas e o papel do aluno se inverte, de mero receptáculo, ele é quem expressa o inconformismo e expõe sua análise, ainda que mentalmente.

Como a produção de Dalcídio Jurandir para os jornais e periódicos é multifacetada, nem somente de artigos, ensaios e reportagens se faz o jornalista. Muitos poemas do jovem Dalcídio foram publicados, inclusive alguns tematizavam a figura da criança, como é o caso do poema “Tempo de Menino”.

Em “Tempo de Menino” é a natureza e a rememoração de um eu-lírico adulto que tramam o fio que conduz ao espaço da infância:

Asa de Garça
Passou por cima da minha cabeça ao entardecer
Chuva encheu a lagoa
Me lembro de Cachoeira
Ao entardecer, no tempo do inverno
O quintal de casa
cheio d’água
para minha alegria de menino levado
doidinho pela água como filhote de pato brabo [...]
(Jurandir, 2011, p. 39-40).

A instância poética, assim, retira da memória os elementos que evocam um espaço que lhe é familiar, indiciado pelo quintal da casa, e vai, ao longo do poema, se desdobrando em outras imagens que trazem as lembranças de brinquedos e brincadeiras, paisagens e personagens de um passado que se presentifica:

[...]
Alegria de brincar com meus navios de miriti
E de espantar as sardinhas
Me lembro das piaçocas
Das marrecas
Dos tuiuiús passando muito alto
Indo embora para os lagos desconhecidos
Me lembro daquele moinho de vento
Parado no meio das águas.
Montarias levando meninos para as escolas
O Velho Mané Leão, surdo e trôpego

Subia a torre da Igreja para bater a ave-maria.
[...]
Sabia histórias que a Sabina, cria de casa, me contava,
(Jurandir, 2011, p. 39-40).

A memória, nesse sentido, dá os contornos de um olhar que se fixa no meio natural e nas figuras de sua meninice, que, curiosamente, não se prendem somente na representação materna, aludida no verso “O acalanto da rede no balanço bom demais que mamãe me fazia”. O sujeito lírico elege outras figuras a dar ênfase, o Velho Mané Leão, o surdo, e Sabina, a cria de casa. Esta última ganha destaque:

[...]
Eu não pensava nos reinos encantados
que há nos livros caros de meninos ricos.
(quando que eu conhecia os contos de Perrault)
Sabia histórias que a Sabina, cria de casa, me contava
Pensava nas canoinhas de miriti bubuiando nas águas
nos matupiris que comiam o miolo do meu pão,
nos cabelos verdes da mãe d’água,
no choque dos poraquês,
no ronco dos jacarés,
nos sucurijus que podiam vir
buscar a gente
quando estivesse descuidada
tomando banho no quintal de casa...
(quando eu pensava nas fábulas de La Fontaine)
Eu tinha a Sabina, cria de casa,
Pra me ensinar a linguagem dos bichos marajoaras
[...] (Jurandir, 2011, p. 40).

Assim, a voz lírica analisa e compara as fontes do seu imaginário infantil, que não se baseava, então, em livros ou em histórias de escritores reconhecidamente ligados à literatura para crianças, mas no conhecimento popular, vindo das experiências vividas e das narrativas orais, lendas e crenças da região marajoara. A oralidade, inclusive, dá o tom à linguagem e à sintaxe empregada no poema. Os sintagmas apresentados entre parênteses, “(quando que eu conhecia os contos de Perrault)” e “(quando eu pensava nas fábulas de La Fontaine)”, entremeiam uma interlocução do sujeito lírico ao seu discurso principal, bem ao gosto do narrador popular. Ao mesmo tempo, são formas que na língua falada no contexto paraense são entendidas como negativas e não como afirmativas. Assim, equivalem, respectivamente, a dizer *eu não conhecia os contos de Perrault* e, ainda, *eu não pensava nas fábulas de La Fontaine*. Entre as razões para este fato fica sugerida a desigualdade social, são “livros caros” de “meninos ricos”.

Mesmo assim, Perrault e La Fontaine serão autores com quem o eu-lírico se identifica ao fim do poema, quando há uma espécie de retorno ao presente, “Não vejo mais nenhuma asa de garça.../ Não vejo mais nenhuma paisagem de água e mururé em volta de mim” (Jurandir, 2011, p. 40); e a consciência de que a infância é um tempo já perdido:

[...]
Infância, tempo de menino,
Sucuriju te levou p’ro fundo das águas

Com todas as histórias de Sabina
As canoinhas de miriti
Os cabelos da mãe d'água
O acalanto da rede no balanço bom demais que mamãe me fazia
[...] (Jurandir, 2011, p. 40).

Nessa última estrofe, ainda que a infância esteja perdida, ela continua envolta em uma aura mítica e maravilhosa. E, embora, Perrault e La Fontaine sejam agora o passaporte para o mundo da imaginação, esta é atravessada pelas suas memórias de menino, pelas experiências e pelo vivido:

[...]
É por isso que com meu velho dicionário
Leio os contos de Perrault
E compreendo a fala dos bichos de La Fontaine.
(Jurandir, 2011, p. 41).

A infância é, dessa forma, resignificada no poema, a vivência infantil se torna um instrumento para ler o mundo e a cultura popular será uma forma para (re)interpretar e (re)inventar a cultura letrada. Isto, certamente, explica a concepção de infância que se transmuta para os romances de Dalcídio, na criação de seus personagens, na perspectiva narrativa e na reelaboração que faz da cultura popular.

Em outra publicação, datada de 1938, Dalcídio Jurandir dá vez à faceta de cronista, na qual também aparece atento à condição infantil e apresentando um pouco do que será sua escrita literária em favor da infância desvalida. Em *Os ferrinhos*, o ético e o estético se deixam entrever na denúncia que o autor faz do trabalho infantil visto nas ruas de Belém:

O Prefeito Abelardo Conduru fez um bem aos “ferrinhos”. Toda a cidade conhece esses pobres meninos que limpam o capim das ruas calçadas. São os reco-recos que raspam os paralelepípedos, curvados e sujos. Alegres dessa trágica alegria de criança que a miséria obriga a trabalhar.
[...] Muito bem prefeito Abelardo. O senhor não perde com o bem que fez aos ferrinhos [...] (Jurandir, 2006, p. 36).

A ironia, como se vê, atravessa o texto e dá o tom da reflexão a respeito das benfeitorias que o poder público concede aos meninos pobres: o trabalho braçal e precoce, quando outras oportunidades lhes poderiam ser dadas para lhes retirar da vida miserável que os leva a trabalhar e que levam no trabalho. O epíteto “ferrinhos”, pelo qual são denominados, dimensiona o lugar que aqueles meninos ocupam na sociedade, são apenas peças da engrenagem social de um sistema capitalista que explora a sua miséria. Em outro trecho a crítica é ainda mais contundente e desvela as diferenças sociais:

Para eles não houve infância, não houve jardim onde pudessem brincar. Não possuem livros bonitos para ler histórias, nunca ouviram falar de Papai Noel, nem se deitaram em boas redes onde possam sonhar com as histórias da Velha Totônia e um Ali-Babá e seus 40 ladrões.
A vida para eles é estupidamente, monotonamente real a que se habituaram como pequeninos seres condenados. Pouca gente quer saber se eles têm rins,

se ainda brilham uns restos de infância entre eles e se o trabalho lhes veio cedo demais (Jurandir, 2006, p. 36).

Dessa maneira, ficam aludidas as desigualdades sociais a partir da possibilidade ou não de vivenciar a infância, esta compreendida, no discurso do cronista, como um período de sonho e fantasia, marcado por brincadeiras e pelo imaginário popular e literário, mas do qual, entretanto, aqueles meninos-trabalhadores não puderam experimentar. O desnível social, nesse caso, também é demarcado pela própria linguagem que faz distinção entre meninos e moleques: “Não chamo vocês de moleques, como meu coração me pede, não que seja desdouro. O moleque é o coração e o espírito das ruas”, entretanto, é pela mesma linguagem que Dalcídio resgata a igualdade entre os meninos pobres e aqueles “que não necessitam de trabalhar”:

Quero chamar vocês de meninos para que os outros meninos, os que não necessitam de trabalhar na rua como vocês, fiquem lisonjeados, felizes com isso. Sim, porque vocês valem por uma pequena humanidade sacrificada num drama de abandono e de dor que pouca gente sabe... (Jurandir, 2006, p. 36).

Sua escrita, dessa forma, dignifica essas crianças, uma vez que as coloca no centro da narrativa, dando visibilidade aos seus dramas e à condição de abandono social. Seu posicionamento é de solidariedade: “Se eu fosse sentimental, eu diria que tenho pena desses meninos. Não quero ter pena, quero me solidarizar com eles [...] eu escreveria um poema para vocês”. Esse altruísmo do narrador se confunde com o do próprio autor que desenvolve esteticamente o compromisso ético em denunciar o trabalho infantil. Dalcídio Jurandir imprime um matiz poético à resistência desses meninos e dá um colorido à descrição da ternura e do acolhimento dado às crianças que, ironicamente, é oferecido pela natureza e não pelos passantes.

E quando vocês cantam, na hora do reco-reco, no verão ou no inverno, a cantiga de vocês é uma rapsódia quase em surdina que conta todas as cenas e derrama todas as vozes da pequenina e grande miséria que vocês sabem sofrer com tão dolorosa inocência e tão anônimo heroísmo!

E essa leve cantiga, esse coro de meninos que não são de Viena, mas dos ferrinhos de Belém, humaniza as ruas e faz parar os outros meninos surpreendidos. Cai das árvores uma espécie de ternura que os homens não compreendem. E essa ternura de selva e filha, de sombra de árvore vai envolvendo vocês como um agasalho, vocês curvados e rotos que trabalham cantando... (Jurandir, 2006, p. 36).

Esse tratamento poético dispensado ao fenômeno social amplia a valorização da infância e das crianças pobres, estratégia que se estenderá aos seus romances. Nesse caso específico, o trabalho precoce dos “ferrinhos” torna-se tão significativo que décadas depois, em *Chão dos Lobos* (1976), o leitor encontrará a reelaboração e o desenvolvimento desta crônica:

[...] Atravessava o Bulevar onde, dobradinhos sobre os paralelepípedos do meio da rua, os ferrinhos de 10 anos catavam capim, reco-reco-reco. Um senhor baixo, corado, paletó e guarda-chuvas tomava conta deles, como um velho guardador de carneirinhos sujos que pastavam aquele capim por entre os paralelepípedos. [...] Alfredo olhando. [...]

Até a porta do Liceu chegava o raspar dos ferrinhos na pedra do Largo, rins dobrados ali o dia inteiro, tão bichinhos do chão. [...]

Lá fora o reco-reco-reco dos ferrinhos catando o capim entre os paralelepípedos. [...] Mas, espere, os meninos cantavam? Então cantando? Cantando, sim, tão desentoado ali vergados, ou de joelhos, tirando capim, cantavam? Roucos, fanhosos, apelo surdo, gemer dos rins, ou suplica, coro abafado, os carneirinhos cantavam? Ali debaixo do guarda-chuva o velho guardador parecia reger. Com o reco-reco-reco entre os paralelepípedos o cantar feria, doía (Jurandir, 1976, p. 24-29).

Nesse trecho, no processo de transfiguração para a ficção, o narrador divide com o jovem Alfredo o olhar solidário sobre aqueles garotos, e vai acrescentando elementos que vão intensificando a situação de penúria e desumanização daqueles meninos. A idade deles é declarada, ressaltando a precocidade do trabalho infantil, e o drama é individualizado na história de Candoca, um dos “ferrinhos”, que era vizinho de Alfredo no subúrbio de Belém:

Um dos limpadores morava no Não-Se-Assuste. Mal acabava, ia catar pelo cais um servicinho, ajudar a varrer navios, passar um bom pedaço da noite, escolhendo e separando os bagos do feijão do milho, o arroz do café e com isso trazia um sofrido mantimento para casa nem toda semana. Chegava tarde e aqui, no lamaceiro, à noite devolvía-se ao menino, entretido a soprar a velha flauta rachada, encontrada no aterro do lixo (Jurandir, 1976, p. 24).

Com a mãe cega e paralítica, Candoca é o responsável por trazer os mantimentos para casa. Um adulto em miniatura que somente recupera sua meninice através de uma flauta rachada. A flauta é índice de encantamento, mas quebrada aponta para a vida desencantada que o garoto leva. É interessante que o sintagma ‘flauta rachada’ se alia a outras expressões encontradas na crônica e no romance que remetem a metáforas sonoras (rapsódia quase em surdina, apelo surdo, coro abafado, gemer dos rins) que retomam a ideia de bulício como ruído quase indistinto e apontam para a tensão da narrativa: dar visibilidade aos invisibilizados, dar voz àqueles que não são ouvidos.

Inclusive, em *Chão dos Lobos* (1976), o “ferrinho” não é apenas observado por Alfredo. A figura daquele menino se torna tão expressiva para o protagonista que este chega a escrever ao pé de uma mangueira, entre os desejos que gostaria de realizar, “1 flauta para o ferrinho” e, na impossibilidade de conseguir um instrumento novo, pensa em consertar-lhe a flauta, chegando a conversar com ele:

— Me dá a flauta por um dia para ver onde se conserta ela, sim? Rachada?
— Esta? Conserto? Rachou, adeus. Vou assim mesmo fazendo que sopro. Já vou, mamãe. Tem uma chave inglesa?
— Pra quê?
— Desatarraxar a flauta.
— Que que vocês cantam quando trabalham?
— Nós? Cantamos (Jurandir, 1976, p. 43).

No diálogo, a construção textual é articulada para que o menino tenha voz e seja ouvido, embora sua fala manifeste, ao que parece, apenas aceitação. A flauta, por sua vez, mesmo rachada, é muito simbólica: parece significar que a arte, a música, o canto é uma forma de resistência, de reexistir através da arte, retirando-os, ainda que momentaneamente, da realidade dura do trabalho infantil.

Em páginas cariocas, por sua vez, a reportagem para o periódico *Imprensa Popular*, em dezembro de 1955, é bastante ilustrativa. Intitulada “O presente de Natal do pobre é mais carestia”,

a reportagem, que trata da pobreza em uma favela no Rio de Janeiro é focalizada, em grande parte, a partir da situação vivenciada por quatro crianças: Claudenor, Marli, Getúlio e Marilene.

Esse foco, inclusive, é reiterado pela fotografia de Henriques de Mello que acompanha a reportagem.

Figura 1 – Fotografia de Henriques de Mello, que ilustra a reportagem: “O presente de natal do pobre é mais carestia”



Fonte: Acervo da Hemeroteca digital Brasileira (2021).

Na fotografia, pouco nítida, dois meninos descalços ganham destaque, enquanto ao fundo, uma mulher grávida e uma menina também estão na escada do barraco. Na legenda, se lê a questão que atravessa a reportagem de Dalcídio Jurandir: Por que não vem o Papai Noel? Tal questão pontuava como a carestia do país não afetava apenas as famílias de trabalhadores e favelados, no que se referia a falta de mantimentos básicos, mas trazia uma outra camada significativa: como a pobreza e a desigualdade social poderiam afetar o imaginário infantil. Vejamos um trecho:

Getúlio, Claudionor, Marli e Marilene, na escadinha do barraco, olhavam tristes, a mãe que enchia a lata na bica. Elas haviam perguntado de novo e quantas vezes já! Como se fosse um estribilho:

— Mamãe, mamãe quando o papai Noel vem? A mãe já não respondia mais, a sua desculpa era: — Esperem, filhinhos, o velhinho não demora. E agora falando ao repórter, a mãe daqueles quatro meninos, confessa:

— Eu fico enganando, enganando, porque nenhum brinquedinho mesmo, posso comprar. Nem um quilo de castanha (Jurandir, 1955).

Como é possível observar, a reportagem dá visibilidade às crianças, nomeando-as, trazendo para o centro da narrativa jornalística a condição social, a voz e a demanda dos filhos daqueles trabalhadores que, às vésperas do Natal, preocupam-se com a imaginária visita de papai Noel, que traria os presentes sonhados por eles. Em contraponto, a resposta da mãe reitera a pobreza material em que se encontram, restando-lhe apenas iludi-los. Um aspecto interessante é o fato de como a reportagem se assemelha a um enredo ficcional. E antes que pensemos que isto se deve ao estilo do autor, na realidade, deve-se à linguagem jornalística da época.

Até a segunda metade do século XX, escrever uma reportagem ou publicar uma notícia não era simplesmente expor um fato. De acordo com Pompeu de Souza:

Ninguém publicava em jornal nenhuma notícia de como o garoto foi atropelado aqui em frente sem antes fazer considerações filosóficas e especulações metafísicas sobre o automóvel, as autoridades do trânsito, a fragilidade humana, os erros da humanidade, o urbanismo do Rio. Fazia-se primeiro um artigo para depois, no fim, noticiar que o garoto tinha sido atropelado defronte a um hotel (Souza, 1988, p. 24).

Essa particularidade do jornalismo das primeiras décadas do século XX são relevantes para melhor compreendermos como literatura e jornalismo estavam imbricados, e se distanciam do jornalismo atual, que, teoricamente, preza pela objetividade e imparcialidade. No caso dalcidiano, conforme já afirmamos em Veloso (2022):

A infância na escrita jornalística e ficcional também mantém uma inter-relação, sendo mais do que facetas de um escritor, são interfaces de um posicionamento ético e estético que se apresenta por toda a sua produção literária. [...] Em ambas as facetas do escritor marajoara, a denúncia da condição social em que se encontram as crianças é uma constante (Veloso, 2022, p.15 -18).

Dessa maneira, ao avaliarmos essa produção para os jornais, é notável que apesar de os textos, de um modo geral, convergirem para a valorização da condição infantil, a linguagem de Dalcídio Jurandir ensaísta difere daquela utilizada pelo Dalcídio Jurandir poeta. Nos ensaios, a preocupação com a educação dada às crianças vai ao encontro do valor atribuído à infância pelas instituições educacionais, cujo campo semântico das palavras “Dever”, “ferrugem”, “policar”, “velharia”, “nevoeiro”, “árido” sugerem a repressão da natureza criativa e curiosa da criança, contrapondo-se à leveza, à luminosidade e ao lirismo visto da atmosfera de seus poemas. O poema e a crônica, por sua vez, nos dão dimensão de como sua ficção dará tratamento à questão da infância desvalida, aliando denúncia e lirismo na plasticidade das cenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dalcídio Jurandir é o autor de um projeto literário comprometido em denunciar a situação de pobreza da Amazônia paraense, interpretando os dramas sociais e pessoais dos sujeitos menos abastados da região. A partir do ciclo *Extremo-Norte* a literatura da Amazônia se renova, cindindo e dialogando com a tradição literária sobre a região, o que justifica Jurandir ser conhecido como o “Romancista da Amazônia”. Para além disso, defendemos a ideia que o escritor paraense também pode ser reconhecido como um escritor da infância, visto que a infância e o debate em torno da

condição infantil é uma constante na sua ficção e, conforme buscamos demonstrar a partir de alguns apontamentos, também em sua produção jornalística.

Assim, constatamos que o olhar de Dalcídio Jurandir sobre a criança e a infância não é uma peculiaridade de seus romances, mas está presente em outros escritos, como nas colaborações que fez para diversos jornais e revistas, seja no Pará, ou no Rio de Janeiro. Histórias de vida, exploração do trabalho infantil, imaginário, questões educativas e ensino escolar, são alguns dos temas presentes em algumas de suas colaborações jornalísticas. Esses elementos do mundo externo, por sua vez, também entram na ficção literária dalcidiana, tornando-se elementos estéticos muito significativos, como evidenciamos a partir da história de Candoca, vista no romance *Chão dos Lobos* (1976), no qual Dalcídio Jurandir reelabora a crônica “Os ferrinhos”, que, por si mesma, já apresentava o tratamento estético que o autor paraense dava ao fato social que envolve a figura da criança.

Nesse sentido, A infância e as figurações da criança nesses e noutros escritos colaboram na construção do projeto literário dalcidiano. E como um propósito muito bem urdido, a infância vai aparecendo como elemento que, aparentemente, não teria tanta relevância, mas que está em consonância com a visão crítica, denunciante e poética de Dalcídio Jurandir já manifestada em suas colaborações jornalísticas.

REFERÊNCIAS

- FURTADO, Marli. Dalcídio Jurandir e a crítica literária para o Estado do Pará. In: FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de; HOLANDA Sílvia Augusto de Oliveira; AUGUSTI, Valéria (org.). *Crítica e literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011. p. 81-98.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- JURANDIR, Dalcídio. John Dewey e a ridícula agressão do sr. Tristão de Ataíde. *Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional*. 2021. Disponível em: Diretrizes: Política, Economia, Cultura (RJ) - 1938 a 1946 - DocReader Web (bn.br). Acesso em: 2 jun. 2022.
- JURANDIR, Dalcídio. O presente de Natal do pobre é mais carestia. *Imprensa Popular*, p. 6, dez. 1955.
- JURANDIR, Dalcídio. Os ferrinhos. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (org.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia*. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.
- JURANDIR, Dalcídio. *Passagem dos inocentes*. Belém: Martins, 1963.
- JURANDIR, Dalcídio. Todos nós sabemos que os modernos processos... *Escola Revista do Professorado do Pará*, v. 1, n. 5, p. 30-31, set. 1935.
- JURANDIR, Dalcídio. Educação e liberdade. *Escola Revista do Professorado do Pará*, v. 1, n. 5, p. 40-42, set. 1935b.
- JURANDIR, Dalcídio. *Poemas impetuosos ou O tempo é o do sempre escoo*. Belém: Paka-Tatu, 2011.
- JURANDIR, Dalcídio. Todos nós sabemos que os modernos processos... *Escola Revista do Professorado do Pará*, v. 1, n. 5, p. 30-31, set. 1935.

SOUZA, Pompeu de. A chegada do lead no Brasil. *Revista da Comunicação*, ano 4, n. 7, 1988.

VELOSO, Ivone dos Santos. A infância desvalida em Dalcídio Jurandir: um bulício de crianças, picado de risos e gritos. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

VELOSO, Ivone dos Santos. A infância nas interfaces de Dalcídio Jurandir: o jornalista e o romancista. *Buraquitã Muiraquitã: Revista de Letras e Artes*, Marabá, v. 1, n. 1, p. 9-18, jan./jun. 2022.